

REPRESENTAÇÕES DO COTIDIANO SERTANEJO NA BAHIA SOB O OLHAR DE EULÁLIO DE MIRANDA MOTTA

Liliane Lemos Santana Barreiros (UNEB)
lilianebarreiros@hotmail.com

1. Introdução

O escritor baiano Eulálio de Miranda Motta (1907-1988) dispunha em seu arquivo particular de uma produção literária bastante diversificada, sendo composta por: poesias, crônicas, cordéis, folhetos avulsos, projetos de livros, diários pessoais entre outros. Eulálio Motta iniciou sua atividade literária em 1920, na cidade de Salvador, quando começou a escrever e publicar em revistas e jornais da época seus primeiros sonetos, orientado pela estética parnasiano-simbolista. Na década de 30, ainda em Salvador, publicou dois livros de poesias: *Ilusões que passaram* (1931) e *Alma enferma* (1933) e freqüentou as rodas literárias da cidade, onde manteve contato com diversos escritores da época, como Jorge Amado e Adonias Filho, por exemplo.

No final de 1933, Eulálio Motta deixou de respirar os ares soteropolitanos e retornou definitivamente para o município de Mundo Novo, refugiando-se na Fazenda Morro Alto. Desde então, o ambiente rural passou a exercer grande influência na obra do poeta, que via o cotidiano da gente simples da roça como uma importante fonte de inspiração. Eulálio Motta produziu intensamente até 1988, ano do seu falecimento.

De acordo com a diversidade de textos que compõem o espólio de Eulálio Motta, podem-se estabelecer as temáticas principais que permeiam a obra do escritor, entre elas: as descrições do cotidiano da cidade de Mundo Novo e de regiões circunvizinhas, os aspectos da cultura sertaneja, os acontecimentos políticos, os conflitos pessoais e as frustrações amorosas. De acordo com Barreiros (2007, p. 30):

Percebe-se, na escrita de Eulálio Motta, uma verdadeira compulsão por registrar o cotidiano e relembrar o passado. Às vezes, nota-se a repetição exaustiva de alguns temas, é como se o escritor quisesse convencer-

se de alguma coisa, dialogando consigo mesmo, questionando suas atitudes, desabafando suas dores.

À maneira de Guimarães Rosa, Eulálio Motta anotava suas observações em cadernetas e depois escrevia sua literatura, explorando a cultura sertaneja a partir de tais anotações. Ele pesquisava o comportamento dos trabalhadores rurais, desde a maneira como se comunicavam, passando por suas tradições e crenças.

No espólio do escritor baiano, encontrou-se o manuscrito de um livro inédito, intitulado *Bahia Humorística*, anotado em uma caderneta, que revela a experiência investigativa de Eulálio Motta junto às comunidades rurais da região de Mundo Novo. O escritor tinha o intuito de compor uma literatura que divulgasse o universo sócio-cultural daquela gente. Isto se evidencia desde o texto introdutório do manuscrito, quando ele declara que os textos ali reunidos foram colhidos da boca de gente simples, trabalhadores rurais da região de Mundo Novo. Os manuscritos que compõem a obra foram escritos entre 1933 e 1938. Neles, Eulálio tenta reproduzir os falares regionais, transcreve cantigas tradicionais ligadas ao universo cultural do campo, explora mitos e crenças populares, revelando o imaginário das comunidades rurais.

Assim, pretende-se demonstrar no presente trabalho as possibilidades de estudo, a partir da edição semidiplomática de um manuscrito que integra a obra *Bahia Humorística*, evidenciando a relevância de se resgatar do anonimato textos que arquivam traços da cultura sertaneja da Bahia.

2. *Bahia humorística: um livro de causos engraçados referentes à Bahia*

Bahia Humorística é uma obra que merece ser lida e estudada porque revela qualidades literárias, lingüísticas e históricas. É o primeiro trabalho de Eulálio Motta que demonstra seu interesse por uma escrita menos formal, de tons originais.

Percebe-se na referida obra nuances da língua falada, caracterizada pelo uso de diminutivos, polissemias, vocabulário informal, além dos regionalismos e neologismos. Nota-se, por exemplo, em

Bahia Humorística, que o léxico descortina não só os traços linguísticos, ou as evoluções semânticas, mas também questões culturais, visto ser uma das formas de representação da língua, mais fortemente relacionada à herança cultural de uma comunidade.

A riqueza textual que compõe essa obra é uma fonte significativa de informações, pois Eulálio Motta buscou registrar com detalhes as variantes da fala utilizada pelo homem sertanejo, com toda a sua cultura e sua forma de vida. Dessa forma, *Bahia Humorística* constitui-se em um riquíssimo acervo, tanto no sentido linguístico quanto histórico e literário, que oferece uma oportunidade de estudo da realidade linguística da região e possibilita a realização de um trabalho de investigação científica pautado em abordagens que, certamente, ampliarão o conhecimento a respeito do sertão e da problemática social tão bem divulgada em prosa e verso pelos autores sertanejos e nordestinos.

Portanto, a investigação acerca do manuscrito *Bahia Humorística* oportunizará novos olhares para a produção literária do século XX, revelando aos leitores um escritor que ainda não pertence ao cânone literário, mas deixou um grande acervo de obras editadas e inéditas que merecem ser estudadas.

3. *O trabalho do editor*

No âmbito da Filologia Textual, os diversos trabalhos de edição têm permitido resgatar do esquecimento manuscritos que fazem parte da história de um povo. Para a literatura, este trabalho é imprescindível, pois retiram do anonimato obras importantes, de autores quase desconhecidos, e as insere na fenomenologia literária, restituindo sua forma genuína. No entanto, o labor filológico não é uma tarefa fácil, visto que exige cuidados minuciosos, tempo e dedicação para realizar a pesquisa, transcrição e a hipotética edição, pois “[...] os editores, na prática de seu trabalho, não alcançam o ‘verdadeiro texto’, mas sim aquele que dele mais se aproxima” (SANTOS, 2006, p. 80).

Quando se trata de um escritor que não teve grandes projeções em seu tempo, como é o caso de Eulálio Motta, o trabalho do editor representa uma relevância social e acadêmica, pois traz à tona

a cultura, a história, a língua e a mentalidade de uma determinada comunidade, em uma determinada época. Ao resgatar uma obra do anonimato, contribui-se para a valorização da memória coletiva e da cultura local, evidenciando as raízes de um povo, além de fornecer uma obra inédita, que permitirá múltiplas possibilidades de leituras e interpretações por parte de quaisquer pesquisadores.

Em vida, Eulálio Motta guardava cuidadosamente os seus escritos, reunindo um grande volume de manuscritos éditos e inéditos, que constitui um considerável espólio. No entanto, “[...] a obra do escritor Eulálio de Miranda Motta (1907-1988) estava fadada ao esquecimento e os insetos já estavam cumprindo a sentença de morte de sua memória [...]” (BARREIROS, 2007, p. 24). O espólio do autor constitui-se, quase que exclusivamente, na única fonte de informação sobre a vida do autor, pois, “[...] muitas vezes, as informações dadas por parentes e amigos não coincidem com o que ele anotou em seus diários e cartas”. (*Ibidem*, p. 76).

Bahia Humorística é uma obra que integra o espólio de Eulálio Motta, de testemunho único, que se encontra em estado de degradação física, por isso o trabalho filológico de edição é a primeira etapa a ser desenvolvida nessa investigação. Para tanto, deve-se buscar dentre os vários tipos de edição a que mais se adequar ao material em questão. Segundo Santos (2005, p. 133),

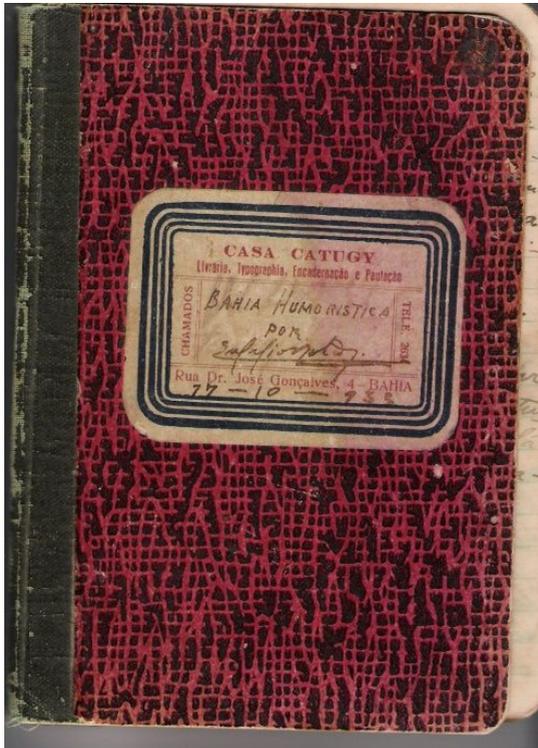
[...] para a crítica literária, parece-nos mais eficiente a lição conservadora, que busca manter a grafia original, principalmente quando se estuda a relação grafemático-fonética que se caracteriza a partir da *scripta* dos textos.

Portanto, acredita-se que o método mais adequado é a edição semidiplomática ou diplomático-interpretativa, por oferecer ao leitor o conhecimento do modo de escrever do homem de qualquer tempo, pois a interferência do editor é mínima, sendo feita apenas em casos previamente identificados. Trata-se de um tipo de edição que permite ao filólogo “[...] corrigir erros por conjectura, desdobrar as abreviaturas, elaborar notas explicativas, atualizar a ortografia etc.” (QUEIROZ; TEIXEIRA, 2007, p. 92).

4. O trabalho de edição

Os textos que compõem o manuscrito *Bahia Humorística* estão escritos com tinta azul, preta e a lápis, assinada e datada pelo autor. Apresenta uma caligrafia regular, bem traçada e com um número significativo de emendas autorais. Contêm 79 folhas, escritas no recto e no verso, com 19 pautas cada uma. Todos os fólios são numerados à direita, no ângulo superior da folha.

As dimensões são de 160mm X 110mm. Contém capa em cor vermelha e preta, com uma borda preta no lado esquerdo. A encadernação é costurada. Contém 79 folhas todas escritas no recto e no verso. As folhas contêm 19 pautas cada uma.



Fotografia do Caderno *Bahia Humorística*

Além dos causos sertanejos, a caderneta é composta por uma diversidade de textos, que vai desde as anotações da vida diária, receitas de remédios, descrições do gado, listas de palavras a poemas diversos.

Bahia Humorística trata-se de um testemunho único e encontra-se em estado de degradação física, por isso a edição semidiplomática se constitui numa importante estratégia, já que o texto apresenta rasuras e emendas autorais. Dessa forma, apresentar-se-á a seguir a transcrição do causo *Novidade*, obedecendo aos seguintes critérios:

- a) Respeitar fielmente o texto: grafia (letras e algarismos), linha, fólio etc.;
- b) Indicar o número de fólio, à margem direita;
- c) Numerar o texto linha por linha, indicando a numeração de cinco em cinco, desde a primeira linha do fólio;
- d) Separar as palavras unidas e unir as separadas;
- e) Desdobrar as abreviaturas apresentando-as em itálico;
- f) Utilizar colchetes para as interpolações;
- g) Utilizar chaves para as letras e palavras expurgadas;
- h) Indicar as rasuras ilegíveis com o auxílio de colchetes e reticências;
- i) Exponuar as letras de leitura duvidosa.

Também são utilizados os seguintes símbolos na transcrição:

- a) <> segmento autógrafo riscado, apagado;
- b) [↑] acrescentamento na entrelinha superior;
- c) <> [↑] substituição por riscado e acrescentamento na entrelinha superior.

4.1. Descrição física e transcrição do texto novidade

O manuscrito a ser editado está escrito em tinta azul, nos fólhos 9v (mancha escrita = 88mm X 110mm), 10r (mancha escrita = 150mm X 110mm), 10v (mancha escrita = 147mm X 110mm) e 11r (mancha escrita = 76mm X 110mm), em folha pautada, que se encontra amarelada devido à ação do tempo. Na margem direita consta

Cadernos do CNLF, Vol. XIV, Nº 4, t. 3

uma mancha provocada por água. As emendas autorais estão sinalizadas na transcrição.

[f. 9v]

Novidade – Em me parece que novidade é a cousa mais relativa desse mundo. Um fato, uma anedota, um assunto que é coisa velha, sabida demais, sem graça, para Pedro, pode ser deliciosa novidade para Joaquim. Quantas 5 vezes não acontece a gente ouvir de um camarada uma anedota que, <para quem assim a ouvi>, não tem mais graça nenhuma, por ser conhecida demais, <> á gente! Entretanto a gente ri, ri por fazer favor, por condescendencia 10 a quem a conta. Que riso sem graça o riso por favor! [↑Pois bem: Ultimamente dei pra bancar o contador de] novidades velhas...
Um dia desses ouvi uma senhora matuta contando a uma comadre as ruindades de um

f. 10r

genro. Ela [↑contava isto dizendo] coisas horrives contra o genro (e eu, ouvindo-a, pensava nas coisas horriveis que dizem contra as sogras...)
– Aquele cara de cavalo é o trem mais ru- 5 nhe que o só de Deus <alumeia> [↑incobre]. Mal empregado o bocado de só qui alumeia aquela desgraça, meu Deus me perdôe
A comadre procurava consola-la, acenando-lhe esperanças:
10 – Pode sê que amiore, comade; pode sê que desta veis êle tome juizo. Sofrimento é bicho danado pra indiritá gente. E êle sofreu muito no sú.
– Quá, minha comade, tá se veno logo 15 que vamicê nan cunhece aquilo. Aquilo é gente no mundo?! Cuncerta não! Cuncerta nunca não!
E concludio:
– Quem nace pra cachorro morre latino.
20 Achei muito interessante esta variante do velho adagio: – “Pau que nace tórto, tor-to fica” <nunca se concerta”>

f. 10v

E dias depois, achamando-me em Mundo Novo, contava-a eu a alguns amigos, como novidade novinha em fôlha. E tive a surpre-

sa de saber, pelos meus amigos, que a frase é velha,
 5 muito conhecida... Fiquei aborrecido de ter
 bancado o contador de novidade velha.
 Mas estava marcado que, tempos depois, <eu
 teria que cair no mesmo engano, o aborreci-
 mento teria> [↑a coisa] se repetiria...
 10 Com efeito. Chegou maio. Café maduro.
 Apanhadeiras de café. Balaio. O jegue
 com os caçuás carregando café para
 o terreiro. Cantigas na roça. E, entre
 as cantigas, uma quadrinha que me
 15 caíu no ouvido com um saber especi-
 al de novidade gostosa:
 “Eu queria sê balaio,
 “Nas cuiêta de café
 “Pra vivê dipundurado
 20 “Nas cadêra das muié”
 De volta da roça, entrei em casa, alegre, exhibin-
 do a joia. E, nova surpresa: – disseram-me

f. 11r

que a quadrinha é mais velha do que
 a serra de Itiuba... E me recitaram duas
 variantes:
 “Eu queria sê balaio
 5 “Balaio eu queria sê
 “Pra viver depundurado
 “Nas cadêra de ocê”
 E a outra:
 “Eu queria sê mandioca
 10 “Jacobina verdadêra,
 “Pra vivê de mão em mão
 “No cólo da sovadêra...”
 Definitivamente novidade é a coisa mais re-
 15 lativa deste mundo...

5. *Considerações finais*

A edição do texto *Novidade* evidencia um material raro e de grande relevância para o estudo da cultura sertaneja na Bahia, sempre rica e bem-humorada. Trata-se de uma pequena narrativa na qual Eulálio Motta tenta resgatar os falares e o universo do povo sertanejo. É um documento rico para se estudar a maneira de pensar e agir de um povo, levando-se em conta a distância temporal e cultural de nossa época em relação à época dos nossos antepassados.

A partir do texto editado comprova-se que os causos são verdadeiras manifestações da cultura popular rural, podendo ser considerados como ritos populares, da mesma maneira que são os provérbios, as modinhas, as festas religiosas, os carros de boi. São textos compostos de resquícios da linguagem sertaneja, o que os tornam uma obra para os estudos da cultura social. Hoje essa linguagem tornou-se exótica, visto que o desenvolvimento urbano e, conseqüentemente, os avanços do sistema educacional, vem implantando um modo de expressar baseado na gramática normativa.

Atualmente, apenas em raras ocasiões, pode-se encontrar alguém (quase sempre um ancião) que utiliza essa linguagem, embora não o faça mais de forma pura, mas sim mesclando a fala caipira com expressões urbanas. Assim, além da linguagem, os causos são depositários das práticas e da representação cultura rural e por meio deles é possível compreender aspectos da cultura popular dos homens e mulheres dos séculos passados. Pode-se, portanto, afirmar que os causos são instrumentos para a análise da representação coletiva sertaneja e não meramente uma produção individual.

REFERÊNCIAS

ACIOLI, Vera Lúcia Costa. *A escrita no Brasil Colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos*. Recife: EDUFPE; FJN; Massangana, 1994, p. 5-54.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Iniciação em crítica textual*. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: Hucitec; Brasília: UnB, 1993.

BARREIROS, Liliane Lemos S. Bahia deliciosamente humorística: Uma edição do “Causo Otomove” de Eulálio de Miranda Motta. In: XIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Rio de Janeiro. *Cadernos do CNLF/Anais do XIII CNLF*, 2009. p. 1699-1708.

BARREIROS, Patrício Nunes. *Cantos tristes, no cemitério da ilusão*: edição dos sonetos de Eulálio de Miranda Motta. 2007. 346 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) – De-

partamento de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana.

BARREIROS, Patrício Nunes. Resgatando a memória cultural do sertão baiano através da obra de Eulálio de Miranda Motta. In: *ANAIS DO IV ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, INIC*. São José dos Campos: UNIVAP, p. 156, 2000.

BERWANGER, Ana Regina; LEAL, João Eurípedes Franklin. *Noções de paleografia e diplomática*. 2. ed. Santa Maria: EDUFMS, 1994.

BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

_____. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CABRAL, Tomé. *Dicionário de termos e expressões populares*. Fortaleza: UFC, 1982.

CALMON, Pedro. *História da literatura baiana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

FÉLIX, Loiva Otero. *História e memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

LAUFER, Roger. *Introdução à textologia: verificação, estabelecimento, edição de textos*. Tradução de Leda Tenório da Mata. São Paulo: Perspectiva, 1980.

PICCHIO, Luciana Stegagno. O método filológico: comportamentos críticos e atitude filológica na interpretação de textos literários. In: _____. *A lição do texto: filologia e literatura; Idade Média*. Lisboa: Signos, 1979, p. 210-235.

PRIEGO, Miguel Ángel Pérez. *La edición de textos*. Madrid: Síntesis, 1997.

SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Ars Poetica/EDUSP, 1994.

VEADO, Rosa Maria de Assis. *Comportamento lingüístico do dialeto rural*. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982.